

Sem medo de críticas

BRASÍLIA — O presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem que não teme que as medidas de socorro aos bancos privados e públicos — aliadas às reformas constitucionais e ao arrocho salarial do funcionalismo público — resultem em impopularidade para o governo e reconheceu que há inimigos na base governista no Congresso. “O Brasil inteiro está assistindo o esforço que estamos empreendendo para colocar em ordem as finanças públicas, as instituições públicas de crédito e as privadas também. O Brasil entende que isso é feito porque, se nós não tivermos a necessária coragem de enfrentar as adversidades e até mesmo a impopularidade, para reconstruir, em base sadia, o funcionamento do Estado, a máquina estatal e a sua relação com os setores da economia brasileira e da sociedade brasileira, nós não poderemos levar adiante a transformação econômica e social do Brasil”, disse Fernando Henrique, ao discursar para oficiais da Forças Armadas recém-promovidos.

Naquele momento, centenas de manifestantes chegavam ao Palácio do Planalto para protestar contra a suspensão de aumentos salariais, as reformas constitucionais e o programa de ajuda financeira aos bancos em dificuldades (Proer).

O porta-voz da Presidência da

República, Sérgio Amaral, disse, mais tarde, que o presidente realmente reconhece que está enfrentando resistências às reformas propostas pelo governo, até mesmo entre a base governista no Congresso, mas “está disposto a enfrentá-las”. “O presidente considera que há inimigos da estabilização nas forças que apoiam o governo no Congresso. Eles se identificam nas votações das reformas. A passeata de hoje, a partir dos slogans, pode ser entendida como resistência às reformas.” O porta-voz afirmou também que o governo não cogita afastar os dissidentes.

Otimismo — O presidente declarou que mantém uma “atitude de tranqüilo otimismo” para com o Brasil. “Nós estamos reconstruindo esse Estado. Nós estamos conseguindo passar para um outro patamar de desenvolvimento”, afirmou. Segundo ele, muitas vezes a visão de conjunto, a capacidade de ver o que será futuro se perde diante da “multiplicidade de ações que o governo toma e que a sociedade vai realizando”.

A manutenção do processo de transformação da base produtiva e a abertura da economia são os condutores do processo de desenvolvimento que, segundo Fernando Henrique, atenderá as demandas sociais da população.